

Da asma à progeria – a doença como metáfora em *O último suspiro do mouro*

[Telma Borges](#)

Resumo

Este ensaio visa analisar o romance *O último suspiro do mouro*, de Salman Rushdie, com base em doenças como a tuberculose, o câncer, a asma e a progeria, entendendo-as como metáforas evidenciadoras da tensa relação entre colonizador e colonizado, entre a escrita literária moderna e a pós-moderna.

Palavras-chave: Colonizador. Colonizado. Doença. Literatura.

O escritor indiano Salman Rushdie, naturalizado britânico, tornou-se mundialmente conhecido após o lançamento de um de seus livros, *Os versos satânicos*, que lhe rendeu um édito de morte – *fatwa* – pronunciado pelo Aiatolá Khomeini. O líder político e religioso do Irã, à época (1989), considerou a obra uma blasfêmia contra os dogmas do islamismo. Numa reação em cadeia, os muçulmanos compraram o livro, para depois queimá-lo. Por causa desse episódio, o romance entrou para a lista dos livros mais vendidos, ao mesmo tempo em que passou a figurar, naquele contexto, como o menos lido.

Como numa das cenas do filme *Fahrenheit 451*, de François Truffaut, o livro foi publicamente queimado em Bradford, no norte da Inglaterra, onde havia uma populosa comunidade muçulmana, a maioria paquistanesa de origem. Quando, a despeito dos protestos, Rushdie não se desculpou, e os editores se recusaram a retirar o livro do mercado, Khomeini tornou pública a sentença e convocou todos aqueles que acreditavam no Islã a caçarem o autor e assassiná-lo. Enquanto Rushdie se mantinha fisicamente protegido, muitos tradutores e editores foram mortos ou feridos. Trinta e sete pessoas morreram durante os tumultos ocorridos (BLAKE, 2001, p. 7).

Em 1998, os governos do Irã e da Inglaterra assinaram um acordo revogando a sentença de morte proferida a Rushdie. Porém, segundo as leis islâmicas, somente a pessoa que editou o *fatwa* tem poder para revogá-lo, o que é de todo impossível, visto que Khomeini morreu pouco depois de tornar público o decreto. Esses aspectos fazem de Rushdie, diante do olhar islâmico, um proscrito, da mesma forma que os versos condenados pela lei do *Alcorão*, que servem de mote para *O versos satânicos*. De acordo com os muçulmanos, tanto o livro quanto Rushdie figuram como uma degeneração dos princípios islâmicos. Os versos, nessa medida, são designados satânicos, porque foram proferidos pela boca de Satã, travestido em anjo Gabriel. Rushdie, por ter feito deles substância para sua escrita, torna-se, conseqüentemente, um infiel.

A mesma força histórica que sustenta episódios como esse pode ser observada nas construções metafóricas que povoam a literatura de Rushdie e que têm na doença

sua origem. Em todos os seus romances, o autor indiano apresenta personagens portadoras de doenças que são, metaforicamente, projetadas de seus corpos para a realidade circundante. Esse procedimento se desdobra nas conflituosas relações entre colonizadores e colonizados, com reverberações na religião e nas manifestações socioculturais.

O corpo enfermo e mutilado de Saleem Sinai de *Os filhos da meia-noite*; a misteriosa doença de Ormus Kama de *O chão que ela pisa*; a tuberculose de Adam Sinai em *Os filhos da meia-noite* e de Isabela em *O último suspiro do mouro*; o câncer de Ina e de Isabela; a asma do Mouro, de Camões da Gama, de Abraham Zogoiby e a progeria do Mouro: em Rushdie, todas as doenças são configuradas como elaborações metafóricas que encenam a tensa relação entre a Índia colonizada e seus diversos colonizadores.

A tuberculose, o câncer, a asma e a progeria em *O último suspiro do mouro* serão objeto de reflexão neste ensaio, visto colaborarem para o desmantelamento de um sistema binário que vê, de um lado, um país doente, frágil; de outro, uma nação colonizadora forte, robusta, capaz de prescrever um tratamento adequado: a civilização. A doença será ainda analisada como metáfora do próprio texto literário. Esse último exercício reflexivo estabelecerá, portanto, um contraponto com o conceito de angústia da influência, elaborado por Harold Bloom. Para o autor americano, a escrita literária se realiza a partir de um processo contínuo de influência, em que "os poetas fortes fazem a história deslendo-se uns aos outros, de maneira a abrir um espaço próprio de fabulação" (BLOOM, 1991, p. 33). Embora Rushdie não seja poeta, é possível observar nesse e em outros textos narrativos do mesmo autor essa discussão posta por Bloom sobre o texto poético. A noção de débito também foi sentida por escritores de narrativas e Rushdie, por se valer de textos poéticos, narrativos, religiosos, históricos, numa perspectiva pós-moderna, amplia tal conceito e anarquiza a idéia de que a escrita do colonizado nasce de uma dívida com o colonizador.

A partir do "complexo de Édipo", Bloom afirma que a angústia está na dificuldade do filho de se reconhecer no pai. Portanto, ela pode ser compreendida como uma espécie de reprimido que retorna; um incômodo indissolúvel. Nesse sentido, pode-se dizer que a asma é uma doença que acomete o Mouro como uma herança genética familiar. Contudo, a progeria que vem se somar a esse corpo doente evidencia-se não como uma patologia herdada, mas como algo que tem a ver com a sua história particular e suas relações, enquanto colonizado, com seus colonizadores.

Susan Sontag, em *A doença como metáfora*, analisa a tuberculose e o câncer como doenças metafóricas de determinados contextos socioculturais (SONTAG, 1984). Enquanto a tuberculose é uma doença do indivíduo, relativa a um órgão específico do corpo – o pulmão –, e confere uma aura lírica a seu portador, o câncer é uma doença que pode afetar qualquer órgão desse corpo. Em *O último suspiro do mouro* tanto o câncer quanto a tuberculose sugerem as diferentes investidas colonizadoras no território indiano. Como se o corpo débil da nação só pudesse convalescer a partir das prescrições de civilidade receitadas pelo "Senhor" europeu. A essas doenças somam-se a asma e a progeria, de que sofre o Mouro – personagem narrador.

A asma, predominante no sexo masculino, está relacionada, no romance, à falência do discurso masculino/colonizador. Em seu lugar, e a partir dele, o discurso feminino se institui, liberto desse peso opressor. Para a mulher colonizada sair da condição inferior a que foi relegada, ao longo de sua história, é necessário que, antes, faça um arremedo do discurso masculino para então questionar a memória dominante

e fragilizar sua estrutura. Assim, será possível que, das cinzas do discurso falocêntrico, ela estabeleça e crie condições para ouvir sua própria voz.

A progeria é definida como uma síndrome caracterizada pela senilidade precoce, associada à arteriosclerose, ao nanismo e a outras identificações peculiares. É mais freqüente no sexo masculino. A inteligência é normal ou acima da média. Seus sintomas são a perda progressiva da gordura subcutânea e um retardamento do crescimento, que não excede a 1 metro. As pessoas acometidas por essa doença raramente ultrapassam os 20 anos de idade, morrendo em decorrência de complicações arterioscleróticas ou edema pulmonar. Essa atrofia física insinua uma espécie de nanismo do colonizado, debilidade que limita sua autonomia, além de, semelhantemente à asma, poder afetar o pulmão.

Mas, ao contrário do nanismo característico dessa doença, o Mouro sofre de um gigantismo pantagruélico. Ao comentar sobre *A maior mulher moderna do mundo*, de Susan Swan, Linda Hutcheon assinala que a condição "ex-cêntrica" lhe confere uma espécie de "cansaço simbólico", ou seja, uma angústia exclusiva dos gigantes, ou das mulheres, dos negros e das minorias étnicas, que sempre têm de arcar com as gigantescas expectativas das pessoas normais (HUTCHEON, 1991, p. 35). A despeito da vida breve dos portadores de progeria, o Mouro parece viver mais que o dobro do previsto pela literatura médica. Contudo, isso ocorre por causa de uma disfunção que acelera seu metabolismo e lhe confere uma vida fantástica. Em razão disso, aos trinta e seis anos, tem a aparência de setenta e dois, fato que espelha a estrutura da narrativa.

Além do corpo asmático da personagem – e da escrita, que se desenvolve por sopros, suspiros –, o tempo é outra constante dolorosamente experimentada pelo Mouro. Ao padecer da progeria, vive o tempo em ritmo acelerado. As marcas desse tempo singular são impressas em seu próprio corpo e no corpo da escrita. Como se carregasse a idade do mundo em suas costas, envelhece rapidamente sem vivenciar todas as rugas que o tempo nele inscreve. Sob esse corpo precocemente envelhecido, há uma juventude que pulsa num ritmo a ele contrário. A narrativa, assim como o Mouro, gestada no seio de inúmeras tradições, já nasce anciã, mas pulsa no ritmo da contemporaneidade, presa que está a um mundo que se altera numa velocidade jamais imaginada.

Para Stuart Hall, na "compressão espaço-tempo ocorre a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas; que os eventos em determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância" (HALL, 2002, p. 102). Assim como a progeria, a sobrecarga informativa torna o narrador prematuramente velho, o que não lhe permite transformar informações em experiências, no sentido articulado por Walter Benjamin. O narrador contemporâneo, portanto, agoniza entre o acúmulo de informações e a ausência de experiências.

A idéia de divisão, recorrente no romance e na vida da personagem-narradora, remete à contradição inerente à narrativa. Essa contradição rejeita as concepções binárias que explicitam uma hierarquia de valores. O binarismo do enunciado, comum à tradição moderna, que polariza o mundo, é desconstruído por Rushdie. Na medida em que embaralha referências, o autor explicita a cisão. Pode-se, por isso, dizer que sua experiência literária se realiza nos domínios do pós-moderno, pois estabelece, a partir de múltiplas redes intertextuais e interligações incomuns, uma crise de legitimação das maneiras ocidentais de pensar. Sendo assim, a progeria, que afeta os sistemas respiratório e circulatório, reflete o modo como o colonizado é visto pelo

colonizador. Porém, no reverso desse espectro, o colonizado é um gigante capaz de, por meio de um engendramento de como é visto e como de fato é, criar uma estrutura aberta, que encena os paradoxos de uma interpretação totalizante. A estrutura do romance, para alcançar esse efeito, conjuga a experiência das colonizações indianas com a experiência cotidiana dos sujeitos anônimos, destituídos da história com "H" maiúsculo, além das configurações imaginárias. Nesse entrelaçamento, chega-se à experiência de uma história pensada a partir do indivíduo, ou "vista de baixo", como quer Jim Shape (SHAPE, 1992, p. 12).

Essa estratégia de escrita funciona por meio de um suplemento. Ou seja, não se eliminam os componentes da história oficial já instituída, mas acrescenta-se a ela detalhes, outros pontos de vista, como forma de suplementá-la e expor as hierarquias implícitas nos relatos oficiais. Por meio desse entrelaçamento, chega-se, no romance, a uma experiência da História a partir de histórias de indivíduos e de sua corporeidade.

Conforme Mario Costa, o corpo foi analisado em sua expressividade, na cultura ocidental, a partir de Schopenhauer. De acordo com o filósofo, todo corpo é objetivação de uma vontade. Sendo assim, ele condiciona os sujeitos cognoscentes. O corpo é o ponto de partida para a relação do sujeito com o mundo. A afirmativa de que "somente o nosso corpo permite que colhamos a verdade da profundidade e que nos abramos para a autêntica compreensão de todo o ser" (COSTA, 1997, p. 305) inverte a argumentação milenar de que o corpo não somente é a origem de todo pecado, mas também do erro e do falso conhecimento.

A negligência relegada ao corpo se deve ao fato de que os componentes clássicos e judaico-cristãos da cultura ocidental tinham uma percepção nitidamente dualista do homem. A aliança de seu corpo com a alma elevou a mente, em detrimento do corpo. Os movimentos feministas, contudo, a partir da paródia da frase de Sterne, "*Our bodies, our selves*" (STERNE *apud* PORTER, 1992, p. 292), demonstraram uma tentativa de demolir antigas hierarquias culturais que sobrepunham a mente sobre o corpo, criando sistemas através dos quais se estabeleceram as relações de poder regulador/regulado (PORTER, 1992, p. 12).

A iminência da morte do narrador-personagem possibilita uma sanção de tudo que ele pode contar e empresta-lhe uma autoridade simulada, já que não viveu todas as etapas da experiência. Nessa perspectiva, a morte deixa de ser o limite para onde tende a experiência humana, visto não ser algo que se possui, mas meramente algo que se contempla. Premido por um tempo que o torna velho extemporâneo e por um espaço que o determina como gigante, resta ao Mouro, esvaziado de experiências, qualquer que seja sua natureza, adiar ao máximo a própria morte, ou distender o último suspiro, para que possa espalhar os fragmentos dos manuscritos de uma obra construída, já em ruínas, a partir de experiências e identidades alheias.

A tuberculose e a asma, por seu aspecto centralizado no sistema respiratório, podem ser compreendidas como metáforas de uma literatura moderna, que sofre da angústia da influência, enquanto o câncer e a progeria, por constituírem doenças que atacam todo o organismo, de modo descentralizado, podem ser relacionadas a uma literatura pós-moderna. Assim, Moraes e sua avó Isabela, como portadores – ela, da tuberculose e do câncer; ele, da asma e da progeria – podem ser vistos como personagens que – em momentos diferentes da narrativa – metaforizam essa tensão entre moderno e pós-moderno, tensão que não se resolve, uma vez que o sistema respiratório, espaço privilegiado para a atuação da tuberculose e da asma, encontra-se nos corpos acometidos pelo câncer e pela progeria.

Dessa forma, na tentativa de elaborar uma narrativa rigorosa, o narrador explicita a crise pela qual passa esse discurso. Mas, para além disso, evidencia a doença, num primeiro plano, como um estigma que enfraquece o colonizado aos olhos do colonizador. Contudo, para o colonizado, a doença é, por vezes, uma forma de subverter as prescrições do outro e encontrar uma saída que não resulta, necessariamente, em cura, mas que desestabiliza o poder impositivo desse outro. Da mesma forma, ocorre com o texto literário. A metáfora da doença abre microfendas no discurso canônico. Através delas, observa-se um processo de reconfiguração do texto literário, que não faz mais da influência uma angústia, mas uma forma de celebrar a diferença e de evidenciar a mútua influência que tanto colonizado quanto colonizador exercem um sobre o outro. A noção de débito, portanto, formulada por Bloom, dá lugar à de complementaridade, de Derrida, em que sujeitos e textos de origens diferentes convivem, sem eliminar suas particularidades.

Abstract

This paper aims to study Salman Rushdie's novel *The moors' last sigh* and emphasize diseases like tuberculosis, cancer, asthma and "progeria" as metaphors of relationship between colonized/colonizer and also of modern and post-modern literature.

Keywords: Colonizer. Colonized. Disease. Literature.

Referências

ALCORÃO. Trad. Mansur Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, [s.d.].

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In:_____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BLAKE, Andrew. *Salman Rushdie: a beginner's guide*. London: Hodder & Soughton, 2001.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Trad. Arthur Nestrovsky. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

COSTA, Mario. Corpo e redes. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *Arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 303-314.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História – novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

ROGERSON, Barnaby. *O profeta Maomé*. Uma biografia. Trad. Lis Alves. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2004.

RUSHDIE, Salman. *O chão que ela pisa*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RUSHDIE, Salman. *Os versos satânicos*. Trad. Misael H. Dursan. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RUSHDIE, Salman. *O último suspiro do mouro*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RUSHDIE, Salman. *Os filhos da meia-noite*. Trad. Manuel João Gomes. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

SALGADO, José. *A experiência dum Ocidental: Cesário Verde, Walter Benjamin e a experiência poética da modernidade*. 342 f. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – University of California, Santa Barbara, 1997.

SHAPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História – novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984. (Tendências, 6).